

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: O MUSICAL
6 de junho de 2026

DIE DREIGROSCHENOPER / 1931

"A Ópera dos Três Vintens"

um filme de George W. Pabst

Realização: George Wilhelm Pabst / Argumento: Laszlo Vajda, Leo Lania, Béla Balázs /
Fotografia: Fritz Arno Wagner / Música: Kurt Weil I/ Montagem: Hans Oser/ Intérpretes:
Rudolf Forster (Mackie Messer), Carola Neher (Polly), Reinhold Schunzel (Tiger Brown), Fritz
Rasp (Peachum), Valeska Gert (Mme. Peachum), Lotte Lenya (Jenny), Ernst Busch (cantor
da rua), etc.

Produção: Nero Film, para Tobis-KlangFilm e Warner Brothers / Cópia: 35mm, preto e
branco, com legendagem eletrónica em português, 110 minutos / Estreia Mundial: 19 de
Fevereiro de 1931 / Inédito comercialmente em Portugal.

Os filmes de George W. Pabst desde que se revelou em 1925 com **Die Freudlose Gasse/Rua Sem Sol** e ao longo de meia dúzia de anos impuseram-se devido ao olhar crítico que lançava sobre a sociedade sua contemporânea, expondo de forma objectiva as suas "doenças" morais, a sua crise social, económica e política que iria desembocar na queda da República de Weimar, primeiro acto de uma tragédia maior que as décadas de 30 e 40 testemunharam. Retrato exterior, mas também interior, psicológico (recorrendo à nascente psicanálise de Freud em **Geheimnisse Einer Seele/O Estranho Caso do Professor Matias**), mas também político. Esta última faceta impõe-se mais destacadamente na fase mais aguda da crise que vivia a Alemanha, nos primeiros anos da década de 30 com 3 filmes que, de certo modo, constituem uma trilogia à volta de um tema comum: **Westfront 1918/Quatro de Infantaria, Kameradschaft/A Tragédia da Mina** e, entre estes dois, o filme que vamos ver. Se nos dois primeiros a intenção manifesta é mostrar a violência da exploração capitalista sobre os trabalhadores, quer na sua faceta de soldados, carne para canhão para a conquista dos mercados económicos em jogo, ou que os trabalhadores apenas podem contar consigo mesmos como entreaajuda e solidariedade, a peça central toma por alvo o próprio sistema capitalista em si e a forma como ele funciona. Ao denunciar a engrenagem o filme é muito mais violento e verosímil mesmo nos excessos do que quando apela à paz e fraternidade. Os censores, que não eram parvos, bem o perceberam. As piedosas intenções dos dois primeiros, capazes de alcançarem um consenso geral, poucos ou nenhuns problemas tiveram. Já o segundo se viu alvo de cortes e proibições totais em muitos países, como foi o caso do nosso, onde **4 de Infantaria** e **A Tragédia da Mina** puderam ser exibidos. Em Londres, por exemplo, o filme acabou por ser proibido após uma única exibição, embora a "explicação", neste caso, tivesse a ver com o facto do cenário da história ser uma Londres vitoriana de chulos, prostitutas e ladrões. Aliás, a cópia alemã que vamos ver dá conta de alguns desses problemas: numa espécie de "prólogo", acrescentado no começo da década de 50, o actor Fritz Rasp (Peachum), o cantor Ernst Busch (o cantor das ruas no filme) e o crítico Herbert Jhering falam de alguns, chegando o segundo a entoar a canção final que tivera de ser cortada do filme. Entramos

assim naquilo que marca verdadeiramente a "diferença" entre este filme e os seus parceiros de trilogia: o ponto de partida do filme, uma peça então popular, e um nome, Bertolt Brecht.

Die Dreigroschnoper foi uma das mais populares peças de Brecht, tendo-se estreado em 1928 numa encenação de Erwin Piscator. A música de Kurt Weil era assobiada e cantada nas ruas, em especial a balada de abertura interpretada por Ernst Busch (Mackie Messer, que Louis Armstrong tornou ainda mais popular, mais tarde, com a sua interpretação de Mack the Knife). A peça era uma violenta denúncia dos métodos de acumulação capitalista, que comparava com os métodos dos gangs criminosos, mas Brecht, por altura da realização do filme adoptara uma posição ainda mais extrema, e a sinopse que escrevera com as alterações foi recusada. Começaram uma série de problemas que acabaram por levar ao afastamento de Brecht que, por seu lado, moveu um processo contra a companhia e Pabst, que acabou por perder. O filme está, portanto, mais perto da peça original, que por sua vez se inspirava no clássico do século XVII **The Beggar's Opera** de John Gay. Se este era uma sátira feroz contra a aristocracia, tomando o partido da burguesia em luta pelo poder, a versão moderna de Brecht é muito mais violenta numa perspectiva anti-capitalista. Recorde-se a premissa de que é mais fácil e lucrativo roubar legalmente fundando um banco do que fazer assaltos base de todo o argumento (já Balzac dizia, mais ou menos, que "por detrás de toda a grande fortuna há um crime", e, já agora, recorde-se como um Joseph Kennedy, para dar só um exemplo, construiu a sua), e a conclusão, tão sarcástica quanto real: a união do polícia com os ladrões tornados banqueiros. Da peça original foram retiradas algumas canções mais virulentas ("Balada da Dependência Sexual", "Tango Balada" e "A Balada do Carrasco"). Apesar do filme ter envelhecido bastante possui ainda qualidades em termos de encenação visual, mesmo que a cópia não faça justiça à fotografia do grande Fritz Arno Wagner.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico